



9º Simposio de Ensino de Graduação

MADE IN CHINA: O SEGREDO DA EXPANSÃO COMERCIAL

Autor(es)

SAMIRA DE OLIVEIRA RODRIGUES

Co-Autor(es)

MONIQUE KARINE GOMES
CAROLINA APARECIDA BELLUCCI MORETTI

Orientador(es)

CRISTIANO MORINI

1. Introdução

A República Popular da China é a nação mais populosa do mundo. Apresenta-se como uma das mais desenvolvidas, devido sua abundância em mão-de-obra e recursos naturais. Sua política socialista vem se adequando ao capitalismo e, com produção em massa, ultimamente tem aumentado seu saldo na Balança Comercial. Os ganhos de comércio originam-se com as vendas de produtos de baixo custo, atingindo positiva e negativamente toda a economia mundial. Tal vantagem é obtida com mão-de-obra barata e baixa qualificação profissional, que deverá ser aperfeiçoada para atender as exigências da globalização.

2. Objetivos

Explicar, com base em fundamentos teóricos, a vantagem comparativa explorada pela China para obtenção de um acelerado desenvolvimento econômico, nos últimos anos, descrevendo seu atual papel no mercado internacional, como maior país exportador e futura potência mundial.

3. Desenvolvimento

A Antiga China

A Revolução Chinesa, em outubro de 1949, foi o marco da libertação do país dos invasores japoneses que dominavam, por mais de 22 anos, quase a metade do local. Assim, a nação foi unificada sob o controle dos comunistas comandado por Mao Tsé-Tung, secretário-geral do PCC (Partido Comunista da China) e líder máximo do partido. Foi então proclamado a República Popular da China (MOREIRA; SENE, 2005).

A partir dessa época, segundo Carbaugh (2004), a economia chinesa foi baseada em dois modelos soviéticos, em que foram adotadas medidas para um rápido crescimento econômico e desenvolvimento industrial. Dentre os vários mecanismos para atingir tal objetivo, estão o de trabalho-intensivo com baixa remuneração, que ocasionou a emigração dos trabalhadores do centro-urbano para as áreas rurais. Essa proposta não obteve aspecto positivo e impactou profundamente na economia.

Então, no final da década de 60, para combater esse modelo, ocorreu a Revolução Cultural (1966-1976), ocasionada por um golpe

político de Mao Tsé-Tung contra os antigos comunistas que o retiraram do comando pelo fato de seu projeto desenvolvimentista ter empobrecido a maior parte da população. Essa luta de facções foi marcada por violentas perseguições aos supostos contra-revolucionários e por isolamento econômico ao exterior. Ocorreu, assim, instabilidade econômica e dificuldades para alcançar os objetivos econômicos propostos. Todavia, foram com estes fracassos que o governo percebeu que havia a necessidade de mudanças. Sucederam-se, a partir desse momento, reformas políticas e monetárias (POMAR, 2003).

A partir de 1978, o sistema foi orientado a iniciar o processo de abertura econômica da China para ingressar no mercado internacional. O país sofreu profundas reformas para atrair investimento estrangeiro, aderindo a novos acordos internacionais e eliminando barreiras comerciais, que impediam um maior crescimento na Balança de Pagamentos (GUIA DO EXPORTADOR, 2011).

Carbaugh (2004) aponta que, nessa época a balança comercial chinesa era insignificante: o valor das exportações e importações da China era inferior a \$15 bilhões, o que a tornava o trigésimo país exportador. Mas, com estas reformas, seu papel na economia mundial mudou totalmente, o que fez com que, em 2000, esse valor passasse a exceder \$200 bilhões e colocasse o país na décima posição, atrás apenas dos países industrializados.

Ganhos de comércio com o novo milênio

Em 2001, depois de 15 anos de negociação, a China ingressa na OMC (Organização Mundial do Comércio), facilitando a inserção do seu dinâmico comércio externo na economia internacional (MDIC, 2010).

Segundo Camargo (2005), a partir desse momento, a política da China terá como base um “socialismo com características chinesas”, de acordo com suas necessidades de sobrevivência e crescimento. Isso é comprovado ao analisar os resultados do desempenho da economia chinesa após a sua abertura econômica.

Dados da Veja (2003) apontam que, em 2002, o PIB do país aumentou cinco vezes e suas exportações saltaram de 20 bilhões para mais de 300 bilhões. No ano seguinte, só nos primeiros nove meses, o país registrou um aumento de 32,3% nas exportações, a economia acumulou um crescimento de 9% e os investimentos diretos externos (IDE) totalizaram 52,7 bilhões de dólares.

Os números a seguir refletem a evolução de crescimento econômico da China nos últimos anos: 10,0% em 2003, 10,1% em 2004, 10,4% em 2005, 11,6% em 2006 e 13,0% em 2007 e 9,0% em 2008, devido à crise financeiro-econômica (BRAZIL..., 2009).

O país sofreu um impacto limitado com a crise econômica de 2008, fazendo com que suas exportações caíssem de US\$ 1.429.340 milhões em 2008, para US\$ 1.203.420 milhões em 2009. Superando-a, o país encerra o período em US\$ 1.580.400 milhões, com um saldo positivo na Balança Comercial de US\$ 186.480 milhões e um crescimento real do PIB de 10,3% (MDIC, 2010).

O custo da mão-de-obra

A teoria das vantagens comparativas formulada inicialmente por Adam Smith (1773-1790) afirmava que, para que os países tenham benefícios ao participar do comércio internacional, é necessário que se especializem na produção das mercadorias em que possuem maior vantagem comparativa. Segundo ele, vantagem comparativa é produzir certa mercadoria com um custo de trabalho menor que seus concorrentes no mercado internacional (MORINI; SIMÕES; DAINEZ, 2010).

Entre as causas das grandes variações nos custos de fabricação de país para país, destacam-se as diferenças de salários, custos de energia, impostos e regulamentos do governo. O mais notável é a vantagem nos custos menores de insumos (principalmente mão-de-obra), regulamentos governamentais menos estritos ou falta de recursos naturais (THOMPSON JUNIOR; STRICKLAND, 2002).

Para Carbaugh (2004), o modo de inserção adotado pela China, para participação no comércio internacional, tem sido considerado coerente com o princípio da vantagem comparativa. Isso porque o país, aproveitando da abundante mão-de-obra que possui, tem se especializado na fabricação de produtos relativamente baratos e que englobam métodos de produção trabalho-intensiva.

Em 1978, com a abertura econômica, as reformas iniciaram com base em vultosos subsídios estatais, com a finalidade de tornar a China o maior país exportador de produtos de baixo custo e atrair investimentos estrangeiros. Devido à mão-de-obra barata, tais objetivos foram alcançados, trazendo um grande número de multinacionais para o país (BRASIL ESCOLA, 2011).

Pomar (2009) conta que, em 2008, a China possuía um bilhão e trezentos milhões de habitantes, representando 22% da população mundial. Atualmente, a população chinesa concentra-se nas zonas rurais, onde vive 56% dos habitantes. Está havendo melhoria geral de renda do país, mas ainda há diferenças entre a renda rural e urbana.

O motor fundamental da economia chinesa são os baixos salários, pagos aos trabalhadores que deixam o campo para vir abastecer o mercado de trabalho, em busca de melhores condições de vida. Tão diferentes a renda rural e urbana, que em Xangai, mudam-se diariamente 28000 novos trabalhadores, que aceitam encarar jornadas de seis a sete dias por semana, recebendo algo entre 100 a 200 dólares por mês (A CHINA..., 2011).

Devido a grande reserva de mão de obra disponível na China, nunca foi dada a devida atenção ao bem-estar social, durante toda a sua história. Tal descontentamento impulsionou vários conflitos sociais. Pressionado, o governo autorizou o aumento do salário mínimo mensal, que passou a vigorar desde julho de 2010. Na capital Pequim, houve um aumento de 20%, passando a ser 960 yuan (115 euros) e na metrópole de Xangai, passou a ser 1120 yuan (134 euros), o maior do país. (CHINA AUMENTA..., 2010). Apesar do aumento, há uma grande discrepância em termos de nível salarial, se comparado a outros países.

Adaptar para sobreviver

Para Porter (1999), a doutrina econômica, cujas origens remontam a Smith e Ricardo, e que envolvem a economia clássica, é totalmente equivocada:

[...] Os fatores básicos, como pool da mão-de-obra e as fontes locais de matéria-prima, não constituiu vantagem [...]. As empresas têm acesso fácil a eles através de uma estratégia global ou contornam sua necessidade por meio da tecnologia. Ao contrário da sabedoria convencional, a simples disponibilidade de uma força de trabalho geral em um nível de escolaridade médio [...], não representa vantagem competitiva na moderna competição internacional [...] Para reforçar a vantagem competitiva, o fator deve ser altamente especializado para as necessidades próprias de um setor [...] e para sua criação são necessários investimentos sustentados (PORTER, 1999. p. 184).

Com a abertura econômica e a crescente participação no mercado global, a China vem sendo pressionada pela competição internacional. Zheng (2011) explica que a teoria econômica tradicional - assegura que o retorno positivo de uma atividade econômica pode ser alcançado com base em baixos custos - principalmente mão-de-obra barata -, está se extinguindo no cenário atual.

Naisbitt (1997) tem a mesma visão ao afirmar que, em meio a globalização, a economia mundial tende a mudar seu processo de produção baseado em mão-de-obra barata para um melhor aperfeiçoamento de sua tecnologia.

Moreira e Sene (2010) explicam que, em 1982, iniciou-se definitivamente o processo de abertura no setor industrial, que exigiu das indústrias estatais, melhoria na qualidade, redução de preços e novas estratégias de marketing de seus produtos.

Criaram-se também as ZEE (Zonas Econômicas Especiais) na costa litorânea, com o objetivo fundamental de atrair empresas estrangeiras, as quais trariam, além de capitais, tecnologia e experiência de gestão empresarial, que faltavam aos chineses (MOREIRA; SENE, 2010).

Naisbitt (1997) aponta que, até 1997, as empresas chinesas assinaram mais de 5600 acordos de transferência de tecnologia com as nações desenvolvidas com um valor superior a quarenta bilhões de dólares. Um avanço, até então, nunca alcançado por nenhum outro país em desenvolvimento.

Segundo dados do CDES (Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social), a China entrou no mercado global com produtos de baixo valor agregado e rapidamente está migrando para produtos de alta tecnologia. Com o objetivo de sustentar sua economia, há grandes investimentos da educação para qualificação da abundante mão-de-obra: há cerca de 130 mil chineses em cursos de graduação nos EUA e 300 milhões de crianças aprendendo inglês na China. (CDES, 2011).

O país vem formando alianças para agregar conhecimento em suas linhas de produção. Os últimos acordos foram firmados entre o Brasil, neste ano. Entre eles, estão os acordos de cooperação e de transferência de tecnologia nas áreas de defesa, recursos hídricos, nanotecnologia, agrícola e de transformação. (BRASIL E CHINA..., 2011). Isso comprova que o estereótipo que associa produtos chineses com má qualidade está desaparecendo. Surgirão produtos chineses com a mesma qualidade ou superior a de outros países, a um preço mais baixo, com o rótulo "Made in China".

4. Resultado e Discussão

Um dos maiores desafios da China, é qualificar sua mão-de-obra que, não possui conhecimento suficiente para agregar qualidade ao produto final, tornando-se dependente da tecnologia estrangeira. Isso coloca em risco sua economia, uma vez que, com a crise atual, envolvendo Estados Unidos e Europa, haverá necessidade de desenvolver seu mercado interno, estimulando sua economia a obter seus próprios fatores de produção.

5. Considerações Finais

A análise das estatísticas de crescimento econômico da China, após sua abertura econômica, mostra a eficiência da sua estratégia de inserção no comércio internacional. A grande reserva de mão-de-obra e a fartura de recursos naturais possibilitam que a mesma produza bens com baixo custo, que repassado ao preço final, ganha competitividade internacional e preferência do consumidor. Os produtos chineses deixarão de ser considerados de má qualidade com um maior investimento em educação.

Referências Bibliográficas

A CHINA na economia internacional. Disponível em: <<http://coladaweb.com/economia/a-china-na-economia-internacional>>. Acesso em: 22 ago. 2011. 21'15.

BRASIL e China fecham acordos na área de defesa. 12 abr. 2011. Disponível em: . Acesso em: 27 ago. 2011. 15'13.

MADE in China: como a China virou potência? Disponível em: <http://www.brasilecola.com/china/made-in-china-como-china-vicepotencia.htm>>. Acesso 23 ago. 2011. 15'25.

CAMARGO, N. J. de. (Org.). Biblioteca de Ensino Fundamental e Médio. São Paulo: Didática Brasil, 2005.

CARBAUGH, R. J. Economia internacional. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

CHINA aumenta salários mínimos no meio de vários conflitos sociais. 04 jun. 2011. Disponível em: . Acesso em: 20 ago. 2011. 11'34.

CONSELHO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. Educação, o negócio da China. 27 mar. 2011. Disponível em: .

Acesso em: 20 ago. 2011. 14'00.

GUIA DO EXPORTADOR. Disponível em: . Acesso em: 11 mar. 2011. 21'03.

MINISTÉRIO DE DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. Oportunidades de negócio, China. Jul. 2011. Disponível em: . Acesso em 17 ago. 2011. 9'40.

MOREIRA, J. C.; SENE, E. de. Geografia: ensino médio: volume único. São Paulo: Scipione, 2005.

MORINI, C. SIMÕES, R. C. F.; VAINEZ, V. L. Economia e negócios internacionais. Campinas: Alínea, 2010.

NASBITT, J. Megatências, Ásia: oito megatendências asiáticas que estão transformando o mundo. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

POMAR, W. A revolução chinesa. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

_Brasil-China: uma Parceria Estratégica. [S.n: s.l]: s/d. Disponível: . Acesso em 27 ago. 2011. 13'08.

_ China - 60 anos de República Popular. [S.n: s.l]: 2009. Disponível em: . Acesso em 20 ago. 2011. 13'00.

PORTER, M. Competição: On Competition: estratégias competitivas essenciais. 8. ed. Tradução Afonso Celso da Cunha serra. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

THOMPSON JUNIOR, A. A.; STRICKLAND, A. J. Planejamento estratégico: elaboração, implementação e execução. Tradução Francisco Roque Monteiro Leite. São Paulo: Pioneira, Thomson Learning, 2002.

VEJA. O novo gigante do mundo. Disponível em: . Acesso em: 20 ago. 2011. 12'29.

ZHENG. L. O Caminho do Desenvolvimento Econômico Chinês. Tradução Nadja Nicolaevsk / Marcel Nicolaevski [S/l: s/d]. Disponível: . Acesso em 27 ago. 2011. 13'08.